

Os senhores da Guiné

Como os donos da construtora mineira ARG descobriram o mercado da Guiné Equatorial, um pequeno e desconhecido país da África Ocidental que nada em petróleo

DENISE CARVALHO

A Guiné Equatorial, com seus 700 000 habitantes e área territorial semelhante à de Alagoas, é um país quase desconhecido dos brasileiros. Trata-se de uma ironia da história: essa diminuta nação encravada na costa ocidental da África está diretamente relacionada à expansão territorial do Brasil no período colonial. Até 1778, a Guiné Equatorial era uma das colônias portuguesas no continente africano e foi trocada pelo atual estado de Santa Catarina com a coroa espanhola durante o reinado de Maria I, a Louca. Feita a troca, o país passou a ser a única colônia espanhola ao sul do Saara, até sua independência, em 1968. Por três décadas, essa microrrepública se manteve em um regime que pouco diferia dos outros países pobres da África — uma mistura de ditadura com repressão brutal, violência, mortandades, fugas em massa e miséria. Até que, em 1996, se descobriu que a Guiné Equatorial estava deitada sobre um mar de petróleo. As reservas abundantes permitiram ao país se transformar no terceiro maior produtor da África, atrás apenas de Nigéria e Angola. A nova condição econômica, embalada por taxas anuais de crescimen-

to de 13%, fez com que, pela segunda vez, o destino do Brasil e o da Guiné Equatorial se cruzassem. Agora, no entanto, por meio de uma pequena construtora de Minas Gerais, a ARG, especializada em obras de infraestrutura.

A ARG é uma das 70 empresas estrangeiras do setor de construção civil contratadas pelo governo local para erguer sua infraestrutura. A construtora vem atuando no país desde 2007 e os contratos fechados com o governo já correspondem a 900 milhões de reais, quase 40% do valor total de sua carteira de obras, estimada em 2,5 bilhões de reais. A ARG toca duas grandes obras rodoviárias na região. A primeira é uma estrada, na parte central do país, entre as cidades de Añisok e Oyala atualmente em fase de conclusão. A segunda, recém-contratada pelo governo, é uma ligação entre Oyala e Mongomeyen, cidade fronteiriça no extremo leste do país. Juntas, as duas rodovias conectarão a segunda maior cidade do país, Bata, aos vizinhos Gabão e Camarões. Os executivos da ARG não dão detalhes das obras (nem mesmo a quilometragem), mas é uma empreitada de tal dimensão que supera a maior obra hoje tocada pela



ARG no Brasil, o Porto do Açu, no Rio de Janeiro, orçada em 800 milhões de reais e contratada pela LLX Logística, empresa de Eike Batista. "Elegemos a Guiné Equatorial como o nosso segundo domicílio", diz Rodolfo Giannetti Geo, sócio da ARG, responsável pela operação na África. "Não fomos para fazer um projeto e voltar. Vamos participar de mais concorrências, e o país servirá de experiência e trampolim para outros mercados da região."

A incursão da ARG na Guiné Equatorial ocorreu por pura necessidade. Fundada há 30 anos pelo empresário mineiro Adolfo Geo — pai de Rodolfo e dos outros dois sócios da construtora, José e Adolfo —, a ARG vislumbrou na operação africana uma contrapartida aos solavancos que, de quando em quando, atingem quem depende de obras públicas no Brasil. A própria história da empresa é um reflexo desses abalos. A ARG nasceu como uma empresa imobiliária, mas

Odebrecht, Andrade Gutierrez, Camargo Corrêa, Vale, Petrobras e Marcopolo — segundo dados da Fundação Dom Cabral, 5% dos negócios das multinacionais brasileiras estão hoje na África. "Escolhemos a Guiné Equatorial por causa do crescimento avassalador e também por ser uma região inexplorada", diz Rodolfo. Desde o início da expansão internacional, em 2000, o faturamento da ARG quadruplicou, de 130 milhões para 510 milhões de reais, em 2008.



A importância da África

Cerca de 40% dos contratos da construtora mineira ARG estão vinculados a obras na Guiné Equatorial, país de 700 000 habitantes na África Ocidental

País	Valor total de contratos ⁽¹⁾	Obra principal	Funcionários
BRASIL	1,6 bilhão	Porto do Açu, no Rio de Janeiro	1 500
GUINÉ EQUATORIAL	900 milhões	Rodovia Añisok-Oyala	1 000

Dados da empresa

Faturamento: **510 milhões** de reais⁽²⁾
 Sede: Belo Horizonte, em Minas Gerais
 Número de funcionários: **4 500**

Sócios-diretores: Adolfo Geo Filho, Rodolfo Giannetti Geo e José de Lima Geo Neto

(1) Em reais (2) Em 2008 Fonte: empresa

na década de 80 os poucos recursos destinados a financiamentos de imóveis obrigaram-na a mudar de ramo. Passou a atuar na área de obras públicas. Novo choque ocorreu poucos anos depois, na década de 90, quando a crise econômica estrangulou os investimentos em infraestrutura e os governos deixaram de pagar pelas obras já realizadas. Os controladores da ARG se desfizeram de vários negócios, como uma siderúrgica e uma concessionária de veículos, e decidiram que o futuro da empresa estava na internacionalização. Depois de vencer concorrências para construir rodovias no Paraguai e na Bolívia entre 1999 e 2004, a empresa tomou a decisão de explorar a África. Seguiu o exemplo de outras empresas, como

Os irmãos Geo e o diretor Euler (de terno): oportunidade em um país inexplorado

Mesmo com suas taxas de crescimento chinesas, a Guiné Equatorial tem características típicas de país-problema. O presidente Teodoro Obiang Nguema Mbasogo está no cargo desde 1979 e chegou ao poder por meio de um sangrento golpe de Estado. Apesar de existir um regime de eleições regulares, Mbasogo governa com mão de ferro, com amplos poderes para dissolver o Parlamento e mudar as leis. Um governo no exílio está instalado na Espanha e são comuns conflitos separatistas. Apesar de toda a riqueza gerada pelo petróleo, a desigualdade na Guiné Equatorial é brutal — o país está na 115ª posição do índice de Desenvolvimento Humano da ONU, de um total de 179 países avaliados. Entidades que militam pelos direitos humanos e contra a corrupção, como a Anistia Internacional e a Transparência Internacional, sempre reservam termos

pouco abonadores ao país e ao governo de Mbasogo em seus relatórios. Para a ARG, isso não significa um empecilho aos negócios. "Não achamos que a Guiné Equatorial seja um país complicado. Há estabilidade política e o governo tem demonstrado empenho em cumprir contratos", diz Rodolfo. Para uma construtora pequena, como a ARG, a Guiné Equatorial tem ainda a vantagem de ser pouco conhecida por outras empreiteiras brasileiras. Nesse sentido, a construtora beneficia-se de uma janela de oportunidade que não existe em mercados mais competitivos, como Angola e Nigéria.

FAZER NEGÓCIOS EM PAÍSES como Guiné Equatorial exige uma boa dose de espírito desbravador. Quando os executivos da ARG desembarcaram pela primeira vez em Malabo, capital do país, em 2005, faltavam água e energia elétrica na cidade. Não havia acesso à internet e as linhas telefônicas freqüentemente ficavam mudas. A já precária estrutura logística da Guiné Equatorial ficara estrangulada nos últimos anos tamanha a demanda criada pelas empresas que começaram a se instalar no país em busca da riqueza do petróleo. Ainda hoje, o único porto de Malabo, cidade que fica numa ilha a 250 quilômetros do território continental do país, só tem capacidade

para receber três navios. O porto de Bata, a maior cidade da parte continental da Guiné Equatorial, recebe apenas uma. "Os contêineres com comida, máquinas e equipamentos ficam parados nos barcos por até dois meses esperando vaga para encostar e descarregar no porto", diz um brasileiro que vive no país. Uma viagem entre Belo Horizonte e Malabo por empresas aéreas regalares chega a

Para se estabelecer na Guiné, a ARG enfrentou rivais chinesas, italianas e francesas

demorar 20 horas, sem contar o tempo de espera entre as conexões. Por esse motivo, os donos da ARG compraram um jato executivo para viajar ao país, o que reduziu o tempo de viagem para 8 horas. Eles vão à Guiné Equatorial a cada 40 dias e passam pelo menos 15 dias por lá. À base da equipe da ARG fica na cidade de Bata. "É mais ou menos parecido com o Amapá", diz Rodolfo.

O grande trunfo da ARG em relação às concorrentes na Guiné Equatorial é o custo da mão de obra. A empresa emprega um contingente de 1 000 operários. Os mais qualificados—cerca de 30% do total—são recrutados no Brasil e em países onde a ARG já atuou, como Bolívia e Paraguai. O restante da força de trabalho é recrutada entre a população local. "Com isso conseguimos um custo muito mais competitivo do que o de uma empresa francesa ou italiana, que trazem da Europa os seus técnicos", diz Euler Miranda da Costa, diretor da construtora. Outra vantagem é a relativa proximidade da Guiné Equatorial com o Brasil, o que reduz o custo do frete de máquinas e equipamentos para as obras. Campeões em termos de custos, os chineses são uma ameaça aos brasileiros. No entanto, perdem em dois aspectos. O primeiro é que os africanos consideram os operários chineses menos comprometidos—é comum eles abandonarem as obras e se instalarem como imigrantes clandestinos. O segundo diz respeito à qualidade da obra, normalmente inferior ao padrão brasileiro. Com a experiência de exploração da Guiné, os donos da ARG já estudam a expansão por uma África também ainda desconhecida das empresas brasileiras. A próxima parada deve ser a Líbia, do general Muammar Kadafi.

